

“HISTÓRIA DE EMPRESAS, MEMÓRIA E FONTES”

AUTORA

Teresa Cristina de Novaes Marques
Mestranda em História Social na UFRJ; Professora substituta do curso de economia da UFF
(disciplina de História Econômica do Brasil)

RESUMO

Temos visto nos últimos anos um crescente interesse por parte das empresas em promover a elaboração de memórias de suas organizações, geralmente com o propósito de demarcar momentos importantes, como aniversários de fundação ou conquistas de metas empresariais. Na maior parte das vezes, este esforço de se conhecer a origem da empresa e sua trajetória dentro do seu setor da economia resulta em livros e folhetos divulgados para o público em geral ou oferecidos como presentes a clientes especiais. O uso do produto do trabalho de investigação da história de uma empresa como um veículo de marketing é plenamente legítimo, sem dúvida, mas o gênero histórico em questão comporta abordagens bem mais amplas e profundas do que tem sido a tônica dos trabalhos produzidos recentemente.

Procuramos neste trabalho explorar alguns problemas enfrentados pelo gênero “história de empresas” tanto no campo da produção de textos sob encomenda destinados ao mercado, quanto no campo da produção de ensaios sob o viés acadêmico que tornam a empresa como um objeto de investigação econômica e social. Examinamos a questão do objeto a empresa pelo ponto de vista de algumas escolas de pensamento econômico e histórico, e concluímos com um balanço da importante questão das fontes históricas, com o propósito de apontar caminhos para a solução de problemas deste campo.

Temos visto nos últimos anos um crescente interesse por parte de empresas brasileiras em promover a elaboração de memórias de suas organizações, geralmente com o propósito de demarcar momentos importantes, como aniversários de fundação ou conquistas de metas empresariais, em consonância com a sua política de *marketing*. Igualmente em expansão está o campo das biografias de empresários, cujo exemplo melhor acabado é a biografia de Mauá, elaborada por Jorge Caldeira. Neste trabalho, em particular, o autor conseguiu o feito de conciliar um rigoroso método de investigação histórica com uma narrativa agradável, provando que uma boa história de empresa também pode ser um sucesso de público.

Do ponto de vista do veículo de divulgação, na maior parte das vezes, este esforço de se conhecer a origem das empresas e sua trajetória dentro do seu setor na economia resulta em livros e folhetos divulgados para o público em geral ou oferecidos como presentes a clientes especiais. O advento da informática, contudo, tornou factível a apresentação dos trabalhos na forma de CD-Rom¹⁰, trazendo novas possibilidades de uso de linguagem interativa e de imagens.

O uso do produto do trabalho de investigação da história de uma empresa como um veículo de marketing é plenamente legítimo, sem dúvida, mas o gênero histórico em questão comporta abordagens bem mais amplas e profundas do que tem sido a tônica dos trabalhos produzidos recentemente. Mudam os formatos dos produtos finais das memórias de empresas, mas os problemas de método e abordagem teórica continuam sem receber um tratamento adequado. Por esta razão, procuramos neste trabalho explorar alguns dos problemas enfrentados pelo gênero “história de empresas” tanto no campo da produção de textos sob encomenda destinados ao mercado, quanto no campo da produção de ensaios sob o viés acadêmico que tornam a empresa como um objeto de investigação econômica e social. Examinamos a questão do objeto a *empresa* pelo ponto de vista de algumas escolas de pensamento econômico e histórico, e concluímos com um balanço da importante questão das fontes históricas, com o propósito de apontar caminhos para a solução dos muitos problemas deste campo de pesquisa.

¹⁰ Como recentemente foi o caso da história da Panair, promovida pelo Grupo Rocha Miranda

A escola histórica francesa

Uma verdadeira revolução no campo da investigação histórica decorreu dos debates acadêmicos europeus nos anos 70, com reflexos no meio universitário norte-americano, que resultaram na chamada Nova História. Este movimento buscou introduzir novos objetos de investigação histórica, suscitando em contrapartida, a reflexão sobre os novos problemas introduzidos com os objetos. Também a empresa foi tomada por um novo objeto de análise, buscando superar a visão a teoria econômica ortodoxa sobre a empresa, tomada como mera unidade de coordenação dos fatores de produção na economia capitalista. Ou mesmo superar a visão marxista da empresa como um locus de conflito social, decorrente dos interesses opostos entre os empresários e os operários. A escola européia da Nova História buscou inserir na investigação do objeto a dimensão simbólica, tornando a empresa também como uma unidade de produção de bens e serviços, mas principalmente, como uma unidade de produção de significados sociais. Esta operação metodológica deu impulso ao surgimento de novos trabalhos de pesquisa na área de biografias de empresários, bem como o processo de construção da imagem dos mesmos e da identidade da empresa. Biografias e históricos de produtos foram os temas mais freqüentemente abordados por esta escola.

No Brasil, as inovações surgidas o meio acadêmico europeu em matéria de história da empresa foram incorporadas por uma expressiva geração de historiadores, cujo expoente maior foi a Maria Bárbara Levy, responsável pela formação de um conjunto amplo de historiadores econômicos que hoje participam da vida universitária brasileira.

A escola histórica inglesa

Notórios por seu sentido pragmático e pela ênfase na empiria, os ingleses têm uma longa tradição de escrita de história de empresas, geralmente associando a trajetória das organizações aos momentos da economia britânica, particularmente na fase áurea do poderio colonial britânico. Excelentes trabalhos surgiram da conjugação da ênfase nas trajetórias dos atores relevantes, com uma forte dose de pesquisa empírica. Um bom exemplo é o trabalho do historiador inglês Greenhill sobre os negócios da firma inglesa E.P. Johnston com o café no Brasil.¹¹

Esta escola se aproxima em afinidade teórica com a escola norte-americana, que também tem tradição na produção de histórias de empresas e grandes organizações, menos, no entanto, pelo viés da inserção destas no universo econômico dos EUA e economistas complementares (por bem ou por mal). A ênfase maior dos trabalhos americanos é colocada nos processos internos que levam à montagem de estruturas de organização adaptadas à competição tecnológica. São examinadas as políticas de desenvolvimento de linhas de pesquisa de produtos, com alto grau de sofisticação tecnológica, levando em consideração tanto os aspectos econômicos dos processos, quanto os aspectos gerenciais. Neste particular, a influência de Alfred Chandler Jr. tem sido fundamental para a criação dentro do gênero de história de empresas de um campo de pesquisas baseado na interdisciplinaridade.

Concorrem para a construção deste amplo campo de investigação que atrai hoje economistas, historiadores e cientistas políticos, as formulações surgidas na escola chamada Nova Economia Institucional, que a partir das reflexões de Ronald Coase sobre o sentido último da existência da firma na economia capitalista moderna, passaram a tornar o objeto a empresa em uma dimensão mais ampla do que de uma mera unidade de produção. Construiu-se nos últimos anos, um setor da microeconomia, que pretende a superação da visão neoclássica da firma, em favor de uma visão institucionalista que integra a dimensão interna da organização com o ambiente econômico institucional externo à mesma.

Chamou a atenção Coase para a idéia de que se o universo das trocas no mercado são tão perfeitas, isto é, se o mercado é mesmo a instância de regulação das transações e da equalização dos interesses dos atores econômicos, por que razão surgiria a firma. Para Coase, as trocas econômicas não se deu no mercado sem atrito, tampouco a racionalidade plena dos atores se sustenta num ambiente onde o custo de obtenção da informação é uma variável importante no processo decisório.

Toda esta reflexão teórica acaba por encontrar eco na produção de histórias de empresas. A pergunta de Coase sobre o que em essência é a firma capitalista serve de ponto de partida para a reflexão sobre o que tenha sido a empresa em sua história. No momento atual, a escola institucionalista abre-se para um amplo leque de vertentes que percorrem um amplo espectro de questões surgidas na teoria econômica em anos recentes. Há os que exploram a empresa pelo

viés da capacidade de criar inovações tecnológicas, examinando em conjunto, as estruturas da organização que favorecem e as que limitam o desenvolvimento da pesquisa. Há também os que exploram a empresa pelo viés contratual, tornando-a como uma unidade de agenciamento de contratos com todos os atores envolvidos; os trabalhadores, fornecedores e consumidores. Para estes autores, determinadas estruturas de organização (incluindo a questão da divisão de responsabilidades entre os autores) levam ao estabelecimento de sistemas de incentivo que favorecem o desenvolvimento das transações com um mínimo de atrito de interesses, ao passo que outras estruturas de organização operam no sentido oposto. A abordagem contratualista é potencialmente útil para o estudo de firmas cujo objetivo econômico envolve a negociação de bens intangíveis, em que a variável *acesso à informação* tem um peso exacerbado. Os melhores exemplos de setores econômicos que admitem a abordagem contratualista são o setor financeiro e o de informática.

O sentido último, porém, de se incorporar questões do domínio presente do debate econômico, na investigação histórica não se passa pela “presentificação” da análise histórica, o que sem dúvida representaria um erro metodológico grave. A ponte entre o presente e o passado é construída para enriquecer o leque de questões para os que se debruçam sobre o segundo, que continua sendo visto pelos olhos do passado, pelos condicionantes específicos dos contextos históricos em que o objeto estiver inserido.

A questão das fontes para história de empresas

Uma vez definido que a investigação do objeto empresa pode ser enriquecida por um amplo conjunto de questões surgidas no debate econômico atual, resta examinar o importante problema das fontes disponíveis para a investigação histórica.

Ainda que o estudo da história econômica brasileira tivesse avançado indubitavelmente nas últimas décadas, em função do empenho de pesquisadores em incorporar aos seus trabalhos questões teóricas complexas originadas nos campos da economia política e da antropologia, ampliando o escopo de objetivos da investigação histórica, o acesso e a conservação de fontes históricas tem avançado muito pouco.

Sorte dos que se dedicam a estudar a história de empresas, pela própria natureza do objeto, pode-se contar com um universo mais plástico de fontes de pesquisa. Às fontes documentais, como estatutos, demonstrações financeiras e atos das sociedades (assembléias de acionistas), se associam com maior força as chamadas novas fontes históricas, em particular, a história oral. Aos que tem a oportunidade de investigar empresas ‘vivas’, isto é, ainda em operação, o uso da história oral ganha uma dimensão particularmente importante abrindo acesso não apenas à reconstrução das ‘lacunas’ não preenchidas pela documentação tradicional, mas oferecendo um canal para a reconstrução da identidade social da empresa chamada por alguns de ‘cultura organizacional’.

Seria também, ingenuidade de nossa parte, imaginar que em um ambiente informatizado como o que vivemos a história do presente será escrita da mesma forma que estivemos habituados a fazer até aqui. Boa parte dos documentos produzidos hoje pelas organizações não vão chegar às mãos dos pesquisadores do futuro. Daí a importância do uso combinado de fontes diversas na elaboração de história de empresas.

Ganharemos todos se encararmos o campo da história de empresas com maior rigor científico, incorporando-o de vez ao universo das preocupações acadêmicas. Se formos capazes de escapar do descritivismo que reina hoje nas produções do gênero, e se formos capazes de escapar do viés único do Estado como eixo central da análise econômica, encontraremos um amplo espaço de investigação do mundo privado. Pouco sabemos, hoje, sobre as condições de operação da empresa privada no Brasil, e menos ainda sobre o agente histórico – o empresário. Há um amplo caminho a percorrer.

Bibliografia

- CARON, François (1992) *L’entreprise*, in, NORA, P. *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard.
CHANDLER, Alfred. Jr. (1966) *Strategy and Structure (Chapters in the History of the Industrial Enterprise)*. Cambridge, Ms: MIT Press.

- _____. (1990) Scale and scope – the dynamics of Industrial Capitalism. Cambridge, Ms: Belknap Press.
- COASE, R.H. (1990) The firm, the market and the law. Chicago: University of Chicago Press.
- GREENHILL, E. E. Johnston. In, 150 anos de café. São Paulo: Brazilian Warrant, 1990.
- HART, Oliver (1995) Firms, contracts and financial structure. Oxford: Clarendon Press.
- LEVY, M.B. (1994) A história do Rio de Janeiro através das sociedades anônimas. Rio de Janeiro, UFRJ.
- NORTH, Douglass C. (1992) Institutions, Institutional Change and Economic Performance. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHUMPETER, J. (1961) Imperialismo e classes sociais. Rio de Janeiro: Zahar.
- STIGLER, G.J. (1971) The theory of economic regulation. The Bell Journal of Economics and Management Science. (2), # 1, 3-21.
- WILLIAMSON, Oliver (1980) Emergence of the Visible Hand: Implications for Industrial Organization. In, Alfred Chandler. (org) Managerial hierarchies. Harvard University Press.
- _____. (1987) The Economic Institutions of Capitalism. New York: The Free Press.